



A dança trágica da guerra

A CEGUEIRA DOS POLITICOS

Andam os jornais cheios de entrevistas com políticos e financeiros em evidência, que tratam da situação nacional. Com pequenas diferenças, pode-se dizer que ler um é ler todos; e lê-los a todos é verificar que nenhum diga nada de novo, nada que não seja repetir o que todos estamos fartíssimos de ouvir. Em política, é a eterna ária da união pelo esquecimento dos agravos e das asneiras, acompanhada da indispensável sacudida de água do capote para cima dos outros; na economia, a gafeada repetição da ladainha: economizar e produzir, trabalho e compressão do desperdício, exportar muito e importar pouco, etc; e tudo, política e economia, rematado pelo: e acima de tudo, Ordem!

Nos últimos tempos, sobretudo depois da guerra, apareceu uma novidade no falar dos políticos: é a referência à questão social, às reclamações das classes trabalhadoras, coisas que antigamente eram consideradas como plantas exóticas e de que não se fazia caso, senão para, em discursos de propaganda, (de republicanos e de monárquicos) com elas se procurar captar a simpatia ou a confiança das massas populares. Este é que é o sintoma a assinalar, de que, apesar de tudo, os tempos mudaram. Todos os políticos se vêem obrigados a tomar a questão social em consideração e, o que é mais importante, a reconhecerem o fundo de justiça que há nas reclamações dos trabalhadores. Eles bem têm querido fugir-lhe, mas é inútil; cada vez mais se hão de ver obrigados a contar com ela, até que terão de reconhecer que ela é, no fundo, a grande, a primordial questão a resolver, e que as outras todas não são mais do que aspectos da mesma.

Conforme a fachada de conservadores ou radicais que afectam, assim as suas palavras marcam alguma diferença de processos ou de fins a atingir; mas essas diferenças são insignificantes, mostrando-se todos igualmente cegos ou teimosos em quererem subordinar as soluções dos problemas económicos ao que eles chamam a ordem. Alguns já começam vagamente a dizer que é bom que as questões económicas se resolvam, para mais facilmente haver ordem. Mas a ideia predominante é a de dar a prioridade ao sossego público.

Todos pensam como esse pobre Sidónio Pais, que pouco mais tinha na cabeça do que um desvaído prazer de mandar e de ser adorador, quando dizia: «Como se podem resolver os problemas nacionais, sempre com a mão no punho da espada? Não entendia ele e não entendem os outros, que onde põem a causa de viver por o efeito é vice-versa. Não querem ver que, se se produzem agitações, tumultos e desordens, é precisamente, (examinando-se as coisas de alto, é claro) porque as questões nacionais não são resolvidas ou não procuram resolvê-las.

Logo depois do armistício que pôs fim às batalhas da guerra europeia, o presidente Wilson disse qualquer coisa que se resumia nesta: «Quereis ordem? Haja abastança.» Se os nossos políticos pensassem a sério nas palavras do célebre presidente dos Estados Unidos, deixariam de repisar esse apelo à ordem, que tam pouco se importam de perturbar quando isso convém às suas políticas, e procurariam, se fossem os amigos do país que dizem ser, efectivar o que essas palavras significam. Mas não pensam nisto, porque não sabem pensar; e estas palavras, embora o pareçam, não são uma injúria à sua capacidade mental, porque traduzem precisamente a mentalidade dos políticos portugueses, sobretudo da moderna geração.

Eles não pensam nas palavras de Wilson nem noutras coisas semelhantes; e todavia muitos deles já sentem o efeito da carestia da vida e começam, por isso mesmo, a perceber, talvez, que não é muito fácil haver sossego onde há fome. Os que não pensam ou não sabem manobrar-se com as forças vivas, começam a sentir que são explorados. Como são ignorantes da questão social, andam atônitos, sem bem se fixarem ainda na atribuição das responsabilidades, não se atrevendo a insurgir-se, por preconceitos de classe, contra os homens de negócios, preferindo ver nos elevados salários dos operários e na preguiça destes, a causa do mal. Mas pouco a pouco a luz vai-se fazendo, e agora um, mais tarde outro, vão-se atrelando a olhar para o lado donde vem o mal e a compreender que, para haver ordem, de nada valem discursos ou mesmo espingardas, se não se começar por dar de comer a quem tem fome, acabando com a descarada e desmedida ganância dos homens de negócio.

Pouco a pouco, e talvez mais rapidamente do que se julga, se reconhecerá que a chamada questão política, a que tantos dos nossos chefes políticos dão ainda a primazia na importância dos vários problemas, é uma questão secundária, porque é sempre uma consequência. Mas enquanto os políticos continuarem a pensar e a dizer que antes de tudo é preciso resolver o problema político, as coisas continuarão como tem andado. Não vêem que há uma porção de anos andam a querer resolver antes de tudo o problema político, uns com acordos partidários, outros com ditaduras, outros com ministérios nacionais e que o resultado é sempre o mesmo, porque a causa do mal não é atacada. É por isso que os políticos portugueses, de qualquer cor, nada resolverão. A sua infeliz educação política, a sua pavorosa ignorância, a incapacidade de repudiarem a obra por eles próprios realizada, a dependência em que estão quer das forças vivas, quer das clientelas, tudo isso os imobiliza, os manietta, os aniquila para realizarem o que pretendem e apregoam. A sua falência é completa; e os mais inteligentes, os que ainda não estão de todo contaminados, podem prestar um bom serviço ao país, indo-se embora.

Alexandre Vieira
Acentuam-se as suas melhoras
GUARDA, 25.—C.—Continua experimentando melhoras desde o nosso camarada. Estiveiemos ontem no Sanatório e ficámos muito contentes e admirados com o seu aspecto. Corado, gordo, como um destes beirões de riça tempera. Pelo que nos contou, os médicos estão satisfeitos com os progressos da sua cura e dispostos a dar-lhe alta lá para o Natal.

Saúde pública
Na semana finda em 19 do corrente, manifestaram-se em Lisboa, 6 casos de difteria, 9 de febre tifóide e 5 de varíola; e no Porto, 3 de difteria e 2 de febre tifóide.

Imprensa Nacional
Uma comissão delegada da associação do pessoal deste estabelecimento fabril do Estado entregou ontem ao ministro do interior as reclamações de carácter moral e económico que o mesmo pessoal julgou conveniente apresentar ao governo e cuja satisfação reputa indispensável.

Aquela comissão avistara-se há ainda na presente semana com o sr. Maia Pinto, a fim de tomar conhecimento das deliberações do governo sobre as reclamações.

EM SANTARÉM

Os bárbaros no hospital da Misericórdia

Inicia-se a história das agressões feitas aos doentes — É uma velhinha a primeira vítima

O sr. João Teodoro da Silva Monteiro é já de idade, sessenta anos pouco mais ou menos, olhar franco, um porte grave, que o impõe, que inspira confiança. Foi fiscal no Hospital da Misericórdia e como a sua voz se levantou contra as infâmias que ali se praticavam, perseguiram-no, reduziram-lhe os vencimentos, escuraçaram-no. E hoje o sr. João Teodoro quem acusa com lealdade, frente a frente. As suas palavras não veem impregnadas de rancor. O jornalista teve a impressão, e assim deve ser certamente, que João Teodoro nos fizera as revelações que se seguem apenas por amor à verdade, porque calar tais infâmias seria tornar-se cúmplice delas.

—Perseguram-me—disse ele—ameaçaram-me, quiseram-me intimidar, mas enquanto me animar um sópro de vida, não deixarei de dizer a verdade. Impressionaram-nos estas palavras. Estiveiemos, por momentos, silenciosos, na expectativa, oprimidos por uma ansiedade inexplicável. Que nos iria dizer esse homem idoso, que tanto amor consagrava ainda à verdade, que estava disposto a sacrificar-se por ela? Ele poderia ter-se calado. E então já não lhe teriam reduzido os vencimentos, não lhe teriam transtornado a sua vida.

O sr. João Teodoro convidou-nos a ocupar uma cadeira. Esteve ainda um momento silencioso. Por fim, lentamente a entrevista começou.

Uma velhinha agredida. — Um diálogo significativo. — Bater até fazer espirrar o sangue pelo nariz

—A primeira agressão—principiou o nosso entrevistado—chegou ao meu conhecimento, por uma maneira bem simples.

—Sempre é verdade—interrompeu ansiosamente o jornalista—ter-se-ia algum agredido dentro do hospital?

O ex-fiscal da Misericórdia teve um sorriso triste: —Verdade e bem verdade.

—E os mesários tiveram conhecimento dessa barbaridade?

—Evidentemente. Mas, como lhe ia contando, tive conhecimento da primeira agressão duma maneira bem simples. Havia uma velhinha que eu protegia, que recolheu ao Hospital bastante doente duma perna. Um dia uma senhora, de nome Custódia da Conceição que está em minha casa há mais de trinta anos, foi visitar a velhinha precisamente na ocasião que o mordomo, a quem dissera que me haviam contado que a doente tinha sido agredida, interrogava a referida velhinha.

O nosso entrevistado passou a mão pela frente e mergulhou nas suas recordações. Depois foi dizendo: —Vejam-se os seus olhos de quem lhe transmitiu o diálogo que houve entre a doente e o mordomo, que me foi reproduzido pela senhora Custódia da Conceição, que, como lhe disse, é pessoa de absoluta confiança. Foi pouco mais ou menos isto:

A crise económica actual não se desenvolve no seio da economia capitalista, mas sim abraça todo o sistema capitalista.

Esta crise provém da extrema deformação da economia mundial motivada pela guerra. O mundo capitalista desagrega-se em países muito empobrecidos, arruinados—Europa oriental e central—e em países cujo desenvolvimento na produção excede as possibilidades dos mercados: Estados Unidos e Japão.

A crise actual é de super-produção nos países ricos, e de sub-produção nos países arruinados. Não parece ser possível o remédio nos quadros do capitalismo. O ensaio tentado nos países da «Entente» para se erguerem em detrimento da Alemanha, fracassou. A entrega de produtos feitos pelos vencidos aos vencedores levou à economia destes últimos um elemento dissolvente. A ideia, preconizada pelos economistas burgueses bem intencionados, de favorecer, por meio de um crédito internacional os países arruinados da Europa, da superabundância das riquezas americanas, é da mesma forma impraticável, porque o empobrecimento da Europa oriental e central determina precisamente a América a reaver-lhe qualquer crédito.

Por toda a parte, não resta portanto aos capitalistas, senão uma solução e sempre a mesma: a exploração do proletariado. Nos países ricos, os capitalistas paralisam a produção afim de não acumularem stocks e de não baixarem os preços. Donde resulta para os operários, terríveis períodos de falta de trabalho. Neste verão o número de desocupados elevou-se nos Estados Unidos a 4, 5 e 6 milhões (números oficiais, citados pelo The Economist de Chicago 30 de julho).

Na Inglaterra o número de desocupados não é inferior a 2 milhões e duzentos mil; 21% dos sindicatos estavam sem trabalho em junho último. O número dos parcialmente desocupados excede 1 milhão.

Os mesmos factos se observam nos ricos países «neutros» de moeda valorizada como a Holanda, a Suíça e a Escandinávia. Em regra geral as diminuições nos salários excedem em muito as diminuições momentâneas dos preços das substâncias. A baixa dos preços é aliás, ainda, uma ocasião para o capital realizar lucros.

Em abril último nos Estados Unidos os preços tiveram uma baixa de 43,00 para o comércio em grosso, 34,00 para o comércio de retalho e só 17,00 no custo da vida. Como se vê todos os lucros são para os grandes comerciantes.

Mordomo—Olhe lá, você queixou-se a esta senhora que lhe tinham batido?

A doente—Bateram, sim senhor. Mordomo—Quando é que lhe bateram?

A doente—Bateram-me ontem. E esta noite pedi uma pinguinta de água e não me deram. Como estava muito incomodada com dores e não podia estar calada a mesma que me bateu veio ao pé de mim e mandou-me calar, senão que me metia um cobertor pela boca dentro.

Mordomo—Isso do cobertor foi a mangar, porque ele não lhe cabia na boca.

O mordomo chamou então a praticante e perguntou a doente se a conhecia.

A doente—Conheço, sim meu senhor. Mordomo—E que lhe fez ela?

A doente—Bateu-me. Trocou-se um pequeno diálogo e a certa altura a praticante disse pouco mais ou menos isto: Se eu fizesse a esta como faz na enfermaria das febres a velha que lá está, que bate até fazer saltar o sangue pelo nariz aos doentes...

—Que barbaridade!—exclamámos. —Como vê—prosseguiu o nosso interlocutor,—a praticante para desculpar a sua falta pôs a nú ainda outra maior.

O sr. João Pedro Monteiro, enfermeiro-mór, declara que em sua casa bate nos doentes

—E depois que se passou?—inquirimos. —O mordomo e o sr. Manuel Faustino apuram-me que de facto na tal enfermaria a que a praticante se referia, uma criada agredira uma doente. Fui então chamado a secretária da Misericórdia e ali, na presença do mordomo, do padre Feliciano e do sr. Manuel Faustino, o enfermeiro-mór, sr. João Pedro Monteiro, insultou-me, dizendo entre outras coisas que eu andava a urdir intrigas e calúnias. «Se o sr. apurou o contrário do que eu disse é porque lhe mentiram», objectei eu. O sr. Manuel Faustino e o sr. mordomo, que estão, presentes, não podem negar que lá em cima bate ram numa doente.

—E qual foi a atitude de João Pedro Monteiro?—perguntou o jornalista.

—Respondeu-me—prosseguiu o sr. João Teodoro—que em sua casa também ralhava com os seus doentes e até lhe batia. Indignei-me com aquela moral iníqua e disse-lhe frases duras. Como ele agitasse os braços num ar ameaçador, cheguei a dizer-lhe que se ele me agredisse ainda tinha um revolver com cinco tiros para defender a minha dignidade.

O sr. João Teodoro da Silva Monteiro ainda nos contou factos de maior gravidade, mas como o espaço é pequeno para dá-los à estampa duma só vez, no próximo número continuaremos a pôr a nú o que se tem passado no Hospital da Misericórdia de Santarém.

Desagregação económica e Revolução Social

A crise actual da economia capitalista é uma consequência da guerra e afecta — o próprio sistema capitalista —

A crise económica actual não se desenvolve no seio da economia capitalista, mas sim abraça todo o sistema capitalista.

Esta crise provém da extrema deformação da economia mundial motivada pela guerra. O mundo capitalista desagrega-se em países muito empobrecidos, arruinados—Europa oriental e central—e em países cujo desenvolvimento na produção excede as possibilidades dos mercados: Estados Unidos e Japão.

A crise actual é de super-produção nos países ricos, e de sub-produção nos países arruinados. Não parece ser possível o remédio nos quadros do capitalismo. O ensaio tentado nos países da «Entente» para se erguerem em detrimento da Alemanha, fracassou. A entrega de produtos feitos pelos vencidos aos vencedores levou à economia destes últimos um elemento dissolvente. A ideia, preconizada pelos economistas burgueses bem intencionados, de favorecer, por meio de um crédito internacional os países arruinados da Europa, da superabundância das riquezas americanas, é da mesma forma impraticável, porque o empobrecimento da Europa oriental e central determina precisamente a América a reaver-lhe qualquer crédito.

Por toda a parte, não resta portanto aos capitalistas, senão uma solução e sempre a mesma: a exploração do proletariado. Nos países ricos, os capitalistas paralisam a produção afim de não acumularem stocks e de não baixarem os preços. Donde resulta para os operários, terríveis períodos de falta de trabalho. Neste verão o número de desocupados elevou-se nos Estados Unidos a 4, 5 e 6 milhões (números oficiais, citados pelo The Economist de Chicago 30 de julho).

Na Inglaterra o número de desocupados não é inferior a 2 milhões e duzentos mil; 21% dos sindicatos estavam sem trabalho em junho último. O número dos parcialmente desocupados excede 1 milhão.

Os mesmos factos se observam nos ricos países «neutros» de moeda valorizada como a Holanda, a Suíça e a Escandinávia. Em regra geral as diminuições nos salários excedem em muito as diminuições momentâneas dos preços das substâncias. A baixa dos preços é aliás, ainda, uma ocasião para o capital realizar lucros.

Em abril último nos Estados Unidos os preços tiveram uma baixa de 43,00 para o comércio em grosso, 34,00 para o comércio de retalho e só 17,00 no custo da vida. Como se vê todos os lucros são para os grandes comerciantes.

NA DEFENSIVA!

O proletariado contra a reacção

A União dos Sindicatos Operários, as Juventudes Sindicalistas e o Comité Revolucionário Social, distribuíram ontem vibrantes manifestos ao povo de Lisboa

O proletariado de Lisboa, amante da liberdade, ansioso por progredir, apesar das asneiras dos políticos e das manobras dos financeiros lhe tolherem constantemente o passo, ante a ameaça da reacção, que a Batalha tem vindo denunciando, levanta-se vibrante de indignação e espera o inimigo disposto a morrer ou vencer.

Não é intuito dos trabalhadores, de cuja paciência e espírito ordeiro os trapaceiros da política e do comércio tem abusado, agitar, perturba o país com uma revolução, num momento em que ele tam debil se encontra. Agora, o que o proletariado não quer, é que a reacção, os conservadores sob o pretexto de meter tudo na ordem, venham cercar as liberdades, abater as conquistas dos que com o

dem tem assistido como espectadores silenciosos, aos combates sangüinolentos da burguesia ambiciosa, dos políticos pedantes e vãos, que tem levado o país para a beira do abismo.

Se há alguém que tenha de entrar na ordem não são os proletários, sofrendores pacientes de todas as calamidades políticas, de todas as manobras financeiras e porcas de que a história dos cinquenta milhões foi a expressão máxima. Se há alguém que tenha de entrar na ordem é a burguesia. Disso se encarregará o operariado, não agora, mas logo que a situação internacional lho permita fazer eficazmente. Até lá limita-se ele a conter em respeito as arremetidas dos conservadores.

A alma libertária dos jovens despertou ante as liberdades ameaçadas. O perigo do que segue, que recordamos do seu manifesto, mostra bem as suas disposições.

Os jovens sindicalistas, pois combatem as ditaduras exercidas pelas minorias em proletoadas oligarquias rapinantes em detrimento dos trabalhadores do braço e do cérebro.

Os jovens sindicalistas, que não vêem a solução do problema social na mancha de alguns políticos e financeiros, solidarizam-se com todos os espíritos livres: republicanos, sindicalistas, anarquistas e comunistas, para a defesa das poucas liberdades existentes e aguardam serenamente os acontecimentos, prontos a lutar e a dominar com juvenil ardor, as viboras reacções e aplanar o caminho para a inevitável transformação das condições económicas da sociedade.

A violência responderemos com a violência, a tirania com a enérgica acção revolucionária!

Os jovens estão alerta!

O Comité Revolucionário Social dirige-se ao povo — São presos alguns camaradas por defender a Liberdade

Ontem, andou percorrendo toda a cidade um automóvel com alguns camaradas que andavam distribuindo manifestos ao povo. Este acolhia com vivo entusiasmo o gesto desses camaradas, sentiam que ainda havia alguém que não se deixaria esmagar pela reacção sem um gesto enérgico de defesa.

Porém, a polícia da segurança do Estado, que vela pela segurança do Estado, que dizem ser de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, entendeu que o manifesto devia ser proibido e na rua da Palma prendeu os camaradas José Casto, Raul dos Santos, Castro Simões e o chauffeur.

A este acto da polícia assistia grande

Ferrovieiros do Sul e Sueste

Um decreto justo — A protecção descarada aos «amarelos»

O «Diário do Governo», de ontem, inseria um decreto, readmitindo ao serviço e reintegrando na categoria e lugares que desempenhavam, com todas as condições e vantagens a estes inerentes, os agentes ferroviários civis e militares do Sul e Sueste despedidos, na greve de 30 de Setembro de 1920.

Do decreto, que tem o número 7838, recordamos os seguintes artigos:

Art. 2.º Aos agentes ferroviários das Direcções dos Caminhos de Ferro do Estado, que foram compelidos, posteriormente a 30 de Setembro de 1920, a reformar, por motivo da greve dessa data, a conferido o direito de serem readmitidos ao serviço e reintegrados nas categorias e lugares que anteriormente desempenhavam, caso o requeram no prazo de trinta dias a contar da data da publicação do presente decreto, e desde que sejam julgados aptos para o serviço.

Art. 3.º Para os efeitos da contagem do tempo de serviço, da diuturnidade e reforma são considerados como em serviço ininterrupto desde 30 de Setembro de 1920, até à data da readmissão todos os agentes ferroviários demitidos ou suspensos pela aplicação do decreto n.º 7189, de 9 de Dezembro de 1920, ou por qualquer forma por motivo da greve de 30 de Setembro desse ano.

Art. 4.º Ficam revogados os decretos n.ºs 7014, 7015, 7069, 7189 e 7229, respectivamente de 12 e 28 de Outubro e 9 de Dezembro de 1920 e 8 de Janeiro do corrente ano.

Art. 5.º Continuam em vigor as disposições do decreto n.º 7016, de 12 de Outubro de 1920, com todas as alterações posteriormente nele introduzidas.

Art. 6.º Serão levantadas das folhas de matrícula as notas disciplinares que

nelas hajam sido inscritas por motivo da greve de 30 de Setembro de 1920.

Fica assim legalizada a situação dos camaradas demitidos por motivo da greve de 30 de Setembro de 1920. Terminou pois o castigo infligido àqueles que souberam lutar tenazmente contra o reinado despótico do sr. Raul Esteves.

Porém, a sombra do famoso e ridículo ditador ferroviário ainda parece errar pelo Sul e Sueste. Esta afirmação não surpreenderá ninguém, se dissermos que os amarelos que no serviço topográfico foram pelo sr. Raul Esteves instalados, receberam a razoável quantia de mil oitocentos e trinta e três escudos por serviços que não prestaram, por trabalho que não fizeram. Nem podiam fazer, visto que foram expulsos, e até alguns deles se encontram trabalhando na indústria particular.

Grita-se no Terreiro do Paço para o país ouvir, que é preciso fazer-se a compressão de despesas e está-se cometendo a imoralidade de pagar a indivíduos que há meses e meio foram despedidos do Sul e Sueste.

Esta situação não pode manter-se. Os amarelos não tem nenhum direito a receber dinheiro, visto terem sido, como era de justiça, dispensados do serviço.

Isto prova que os amarelos são completamente destituídos de vergonha e que o Estado continua sendo perdulário.

O desfalque dos T. M. E.

O governo recebeu comunicação de ter sido preso no Rio de Janeiro, a ordem dos Transportes Marítimos do Estado, o sr. Calvet de Magalhães, autor de um desfalque de algumas centenas de contos como comissário do paquete Porto.

ESPECTEM O SEU SEGURO DE VIDA

— NA —

GARANTIA

Companhia de Seguros que tem 68 anos de existência, pois foi fundada em 1853

Todas as combinações de seguros sobre vida humana e os interessantes e vantajosos seguros FAMILIAR (seguro de capital e pensão) e misto de capital duplo que duplica o capital no caso de sobrevivência. Prestam-se todas as informações na Agência em Lisboa: Casa Bancária — JOSÉ HENRIQUES TOTTA, Lda —

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes

Cura rapidamente

Catarros, defluxos, laringites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inaladores.

2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a barba dentária e por todas as pessoas que tem de suportar óculos d'vidos porque as defende de contágios perigosos.

3.º São usadas pelas pessoas idosas, pelas asmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes sono reparador e seguidos.

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalora a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em público.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro gastrico.

6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intellectuais, evitando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito.

7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo saneia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, servando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos

Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

Ninguém segure prédios ou mobílias contra incêndio, sem consultar

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7

SEDE EM LISBOA — DELEGACÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084

A Mundial, de accordo com um fortissimo grupo ressegurador, estabeleceu prémios para os seus segurados que DESAFIAM TODA A CONCORRENCIA, oferecendo a máxima das garantias. NÃO SOBRECARRGA os segurados com quaisquer ADICIONAIS para impostos, que são integralmente pagos pela Companhia, nem com custo de apólices. Segura também contra INCENDIO E ROUBO numa só apólice.

AGENCIAS EM TODO O PAIS

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindissimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros.

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurès (Exclusivo)

A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade por AUGUSTIN HAMON

Sua evolução. — Sua situação presente. — Suas causas. — Seus efeitos. — O futuro.

Encontra-se já á venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.

PREÇO \$40

Grandes Armazens do Chiado

AMANHÃ, SEGUNDA-FEIRA

MAIS NOVIDADES PARA INVERNO

VENDA EXTRAORDINARIA DE NOVOS SALDOS

EM TODAS AS IMPORTANTES SECÇÕES

Confecções, vestidos e chapéus de senhora

Casacos de belo cheviote, género inglez, desenhos de grande moda, a 35\$000 e... 20\$000!

Vestidos de excelentes tecidos, a grande moda, feitos muito elegantes, a 120\$000 e... 75\$000!

Chapéus de grande fantasia, cópias de modelos, a... 27\$500!

— Visitem amanhã, segunda-feira, as nossas importantes secções. —

Camisas de zephyr, padrões de novidade, com colarinho, para homem, a... 3\$950

Camisas de cretone inglês padrões novos, para homem, a... 7\$500

Cache-cols de lã de grande abafamento, a... 750

Suspensórios de grande resistência, para homem, a... 950

Flanelas suizas, lindos padrões e cores fixas. Metro 1\$150 e... 950

Flanelas de fantasia aveludadas, padrões de novidade. Metro 1\$850 e... 1\$250

Chales pretos de boa flanela, cor garantida, a 19\$500 e... 8\$500

Chales de flanela, cores lisas, grande abafamento, a 18\$500 e... 17\$500

Fato feito para homem impermeáveis, para homem, grande sortido, desde... 79\$500!

Gabardines de belo cheviote, padrões ingleses, acabamento esmerado, desde... 72\$500!

Sobretudos feitos por medida, em cheviote de magnifica qualidade, bons forros e bom acabamento, desde... 113\$500!

Fatos feitos em todas as medidas, em belo cheviote e bons forros, desde... 155\$000!

Meias de algodão e em sedalina esplendida qualidade para senhora, a 950 e... 3\$300

Meias de seda, fina qualidade para senhora, a... 5\$200

Peúgas com canhão, boa qualidade, para criança, a... 180

Peúgas em cor, com canhão, bela qualidade, para homem, a 800 e... 450

Cobertores de flanela, cores claras, lindas barras, tamanho regular, a 7\$250 e... 5\$500

Cobertores de fantasia, lindos desenhos, qualidade especial, a 18\$000 e... 14\$000

Panos brancos e crus em todas as qualidades. Metro desde 950 e... 800

Panos abretalhados e crus para lençóis, sortido colossal, em todas as larguras. Metro desde 3\$450

ESPARTILHOS E CINTAS BORDADOS SUIÇOS A GRANDE MODA EM PARIS

Modelos franceses, fazem-se por medida e prova. Novas remessas de lindos bordados! Grande variedade de desenhos! Começa amanhã, segunda-feira, a venda.

Cintas para senhoras doentes Flamonds para chapéus

GRANDES ARMAZENS do CHIADO

LEIAM, LEIAM!!!

SÓ NO GRANDE ARMAZEM DE CALÇADO

21, Largo Rodrigues de Freitas, 21-A (Antigo Arco de Santo André)

Encontrarão um grande sortimento de calçado para homem, senhora e criança, por preços baratissimos

FABRICO MANUAL

VEJAM OS PREÇOS:

Botas calf preto 1 sola desde 18\$50

" " " 2 " " 23\$00

" " " 3 " " 24\$00

" da Moda calf preto... 30\$00

" " " " " " 30\$00

PECHINHA!

Botas vitela branca desde 13\$50

Calçado para senhora:

Sapatos pelica desde... 11\$00

" vitela... 14\$00

da Moda pelica verniz desde... 20\$00

Calçado d'abafamento

Preços sem competência

Não me ralo!

Vou ali á Chapelaria Lusitana, e por um preço baratissimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e duma solidez capaz de resistir a todos os vãos.

Chapelaria Lusitana

Rua Arco Marquês de Alegrete, 51-54 LISBOA

A COMUNA

Seminário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 — PORTO

Nicolau Gomes Correia

Rua dos Panqueiros, 255

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES e CAUTELAS para todas as LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$15 para registo

Fornece para revender

TELEFONE: 1.020 — Central

PEDIDO A F. SILVA GAMA

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Roda de automóvel

PERDEUSE de Bemfica á Amadora, gratuita-se bem a quem a entregar na rua Augusta, 270, 1.º E. ou avenida Gomes Pereira, J. M., Bemfica.

A grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária

Sapatos em calf-preto para senhora 11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00

Botascalf-preto grandesalado 21\$00

Botas calf-preto com duas solas 22\$50

Grande saldo de botas pretas para homem 17\$00

Grande saldo de botas brancas 16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cor para homem a... 23\$00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18. R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

SEÇÃO EDITORIAL DA BATALHA

Acaba de aparecer

A Propriedade Privada

— POR —

José Carlos de Sousa

Preço \$20

A' venda nas livrarias e na administração da Batalha

Dr. ARDISSON FERREIRA

DOENÇAS SECRETAS

Preço 1\$50 — Pelo correio, registado, 1\$70

Pedidos acompanhados da respectiva importância á administração de A Batalha.

Canções sociais

Do concurso promovido pela Juventude Sindicalista do Porto

Preço \$25. Pelo correio \$28

Pedidos acompanhados da respectiva importância á administração de A Batalha.

DEBATE DE OPINIÕES

A Ditadura do Proletariado

de CARLOS RATES

Preço 40 centavos

Pedidos á administração de A BATALHA

EMILIO TROISE

Capacidade revolucionária de la classe obrera — Sindicato y Partido.

Custo deste folheto, em lingua espanhola \$20. Pelo correio \$23

Pedidos acompanhados da respectiva importância á administração de A BATALHA

A. MACHADO

CANÇÕES SOCIAIS

Preço, \$05 — Pelo correio, \$80.

Pedidos acompanhados da respectiva importância á administração de A Batalha.

SAIDAL

Especifico ideal e infalivel que permite a todos regular o numero de filhos na razão de bem os poder criar e educar para uma sociedade forte e feliz.

FRIERAS. — Cura rápida só com o verdadeiro Pó de Maio.

FARMACIA CABRAL, Suos. — PAMPULHA. — Lisboa. — Pelo correio \$3\$00.

JOSÉ OITICCAI

PRINCÍPIOS E FINS DO PROGRAMA COMUNISTA — ANARQUISTA

Preço \$10 — Pelo correio \$13

Pedidos acompanhados da respectiva importância á administração de A Batalha.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

HORÁRIO DOS COMBÓIOS

1.º Aditamento ao cartaz-horário D. 154

A partir de 1 de Dezembro próximo futuro os combóios regulares de mercadorias a.º 2501 e 2502, que circulam entre Entroncamento e Badajoz, passam a ter paragem de meio minuto no apeadeiro da Mata para serviço de passageiros das três classes.

As horas de passagem destes combóios no referido apeadeiro são as seguintes:

Combóio n.º 2501 às 12-14

Combóio n.º 2502 às 14-14

Lisboa, 23 de Novembro de 1921.

O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

AVISO AO PUBLICO

Venda em leilão de um vagão de palha

Previne-se o publico de que, no dia 26 do corrente, pelas 10 horas e na estação de Setúbal, proceder-se-á á venda em hasta pública, de harmonia com os regulamentos, de um vagão de palha, com o peso aproximado de 9.000 quilogramas, remessa de p. v. n.º 9.200 de Casa Branca á Setúbal.

A arrematação será feita a quem maior lance oferecer, sobre a base de licitação de 20\$00.

1.ª L. 21 de Novembro de 1921.

2.ª Pelo cheque do serviço do tráfego (a) Fim do Carmo.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

4.º aditamento á classificação geral de mercadorias

Pequena velocidade

A partir de 1 de Dezembro de 1921, nos transportes de aguardente, azeite, geropiga e vinhos em vasilhame de ferro (tambores, cascos, barris ou bidões) bem como aos efectuados em vagões cubas ou cisternas, serão applicados os precos indicados na Classificação Geral para os mesmos liquidos quando transportados em vasilhame simples de madeira.

Lisboa, 14 de Novembro de 1921. — O engenheiro sub-director da companhia, Santos Viegas.

Calçado bom, bem feito e barato

Sapataria S. Roque

Esta casa apesar das constantes subidas mantém os seguintes preços:

Botas de verniz... 26\$00

Botas de verniz, cano de camurça... 25\$50

Botas de calf, cor, forma moderna... 26\$50

Botas em calf, preto, 2 solas... 22\$00

GRANDES PECHINHAS

Botas em calf, cor, de 1.ª que neutras caem se vendem a 50\$00 28\$50

Botas de vitela branca... 13\$75

Sapatos para senhora em calf verniz e veludo desde... 11\$00

Calçado de luxo em todos os géneros por preços convidativos

Vendas por atacado e a retalho

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portuguezes e do Sul e Sueste, o da Cooperativa dos Empregados do «Diário de Notícias».

Queiroz L. da

L. Trindade Coelho, 17 (antigo L. de S. Roque)

ISQUEIROS

Pedras para isqueiros, vendem-se no Largo do Conde Barão, 55. (Tabacaria do isqueiro á porta).

Quereis o vosso relógio concertado com garantia e por preço módico?

Levae-o ao

33 de S.º André

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33 (em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO E OURIRES

DE

ALVES D'ANDRADE, L.ª

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Linha regular entre a Metrópole e a África Ocidental Portuguesa

Vapor PENINSULAR

Sairá em 1 do Dezembro para a S. Vicente e Praia e S. Tomé.

Vapor PORTUGAL

Sairá dia 15 de Dezembro para Madeira, S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Loanda, Cuito, B. de S. Paulo, Quissanga, Boma, Nogué, Matadi, Landana, Moçimbo e Mussarra com transbordo em Loanda, Novo Redondo, La Bito, Benguela, Mossamedes, B. dos Tigres e P. Alexandro.

Para carga, passageiros e mais escriptórios de recitamentos, dirigir-se aos escriptórios da Companhia Nacional de Navegação

EM LISBOA: R. do Comércio, 85

NO PORTO: R. da Nova Alfândega 34

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

4.º aditamento á Tarifa de despesas acessórias

Imposto de selo

Em harmonia com a Tabela de Imposto de Selo anexa ao decreto n.º 7772 de 3 de Novembro de 1921, as taxas de imposto de selo constantes do art. 3.º da Tarifa de Despesas Acessórias, em vigor desde Março de 1920, são modificadas como a seguir se indica:

1.º — Em cada bilhete simples para um passageiro: A — De preço não inferior a 1\$ nem superior a 4\$, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, 40\$; B — De preço superior a 4\$, 1.ª classe, 40\$; 2.ª classe, 30\$; 3.ª classe, 20\$; C — Assinatura por preço não superior a um ano, 1.ª classe, 80\$; 2.ª classe, 60\$; 3.ª classe, 40\$.

2.º — Nas linhas que tem só duas classes applica-se á superior a taxa relativa á 1.ª classe e á inferior a relativa á 3.ª classe.

3.º — Em cada bilhete de assinatura por transporte, em grande velocidade, de comestiveis, nos arredores das cidades:

a) Não excedendo o preço da assinatura mensal, 40\$.

b) De mais de 500 até 1000 mensais, 40\$.

c) De mais de 1000 mensais ou fracção de 1000, 80\$.

4.º — Em cada carta de porte ou documento que substitua a carta de porte de expedição de qualquer natureza não compreendida nas rubricas anteriores, 40\$.

Este imposto é applicavel ás requisições de rotulos para devolução de encerrados e de rotulos viaes, embora essas devoluções não façam em expedições regularmente organizadas.

Além deste imposto cobrar-se-á o emolumento de 600 estabelecido pelo art. 2.º do decreto n.º 7027-A de 15 de Outubro de 1920.

Continuam em vigor as disposições da Tarifa de Despesas Acessórias de 28 de Março de 1920, em tudo que não seja contrario ao disposto no presente.

Fica anulado o 5.º Aditamento á Tarifa de Despesas Acessórias de 15 de Setembro de 1921.

Lisboa, 14 de Novembro de 1921.

O engenheiro sub-director da Companhia — Santos Viegas.